



A VILANIZAÇÃO DO FEMININO: A REMODELAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DE HEKATE AO LONGO DOS SÉCULOS.

THE VILIFICATION OF THE FEMININE: THE REMODELING OF HEKATE'S REPRESENTATIONS THROUGH THE CENTURIES.

Flavia Trevisan de Medeiros¹
Universidade Federal de Santa Maria
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

O presente artigo analisa as imagens e representações artísticas da deusa grega Hekate, desde o período arcaico até a contemporaneidade, com o objetivo de compreender as razões por trás da drástica remodelação de suas principais características. Ao longo dos séculos, sua imagem sofreu oscilações significativas, preservando apenas elementos básicos de sua representação visual, enquanto sua caracterização simbólica e conceitual foi quase inteiramente transformada. Hekate passa de uma deusa protetora e guia para uma figura feiticeira, maléfica e intensamente fetichizada.

Palavras-Chave: Hekate. Vilanização. Grego. Mito. Contemporâneo.

ABSTRACT

This article analyzes the images and artistic representations of the Greek goddess Hekate, from the Archaic period to the present day, aiming to understand the reasons behind the drastic remodeling of her main characteristics. Over the centuries, her image has undergone significant shifts, preserving only basic elements of her visual representation, while her symbolic and conceptual characterization has been almost entirely transformed. Hekate shifts from a protective and guiding goddess to a sorceress figure, malevolent and intensely fetishized.

KEYWORDS: Hekate; Vilification; Greek; Myth; Contemporary.

Introdução

Constantemente durante a história, com diversas personagens, como Medusa, Hekate, Pandora, conseguimos acompanhar um processo de vilanização de

¹Artista, estudante de graduação do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista PIBITI CNPQ em projeto artístico para o Laboratório de Fala (LabFala) do Curso de Fonoaudiologia, pesquisadora membro do Laboratório de Estéticas e Epistemologias Descentradas das Artes (LEEDA), a pesquisa do presente artigo encontra-se em desenvolvimento para o trabalho de conclusão de curso da autora, sob orientação da Profa Dra. Thays Tonin (DART-UFSM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8461984154344445>



mulheres, que uma vez eram tidas como independentes e detentoras de algum saber. Alguns mitos, principalmente ao passarem por períodos de dominação patriarcal, se alteraram drasticamente, invertendo a forma como retratavam personagens femininas, de guerreiras, independentes e sábias, reduzidas a vilãs, parte de um feminino imoral e até fetichizadas nas mídias populares contemporâneas.

Desde o período arcaico grego existem representações da deusa Hekate, uma deidade tão antiga que arqueólogos e mitólogos de diferentes períodos questionam suas narrativas originárias. Começo aqui, por ser a conclusão mais comum entre a maioria dos estudiosos¹, por assumir neste presente artigo que seu mito fundador seja Grego, ainda que existam debates sobre seu pertencimento Cário², que teria origem na região da Estratoniceia (Ásia Menor).

Hekate apesar de ser uma deidade tão antiga e cultuada a tantos séculos, acredita-se por opinião de historiadores (GRIMAL, 2000, p. 193. BRANDÃO, 2009, p. 288.) que nunca se tenha encontrado um mito exclusivo e próprio da deusa, considerando aqui mito como uma história originária, que mostraria de forma mais extensa de onde surgiu a personagem. Conseguimos então basear os estudos em suas aparições famosas em literaturas clássicas do período arcaico como no Hino à Hekate da Teogonia original de Hesíodo entre o VIII e VII séculos a.E.C.³ e no Hino Homérico à Deméter, entre o VII e VI séculos a.E.C., assim como também em literaturas do período clássico mencionada pelo dramaturgo Sófocles em "Οἰδίπους Τύραννος" (Édipo Rei), em "Οἰδίπους ἐπὶ Κολωνῶν" (Édipo em Colono) e em "Ριζοτόμοι" (Cortadores de Raízes), assim como também é muito conhecida sua aparição na peça Helena do poeta Eurípides.

Com base em suas aparições secundárias em literaturas da época, conseguimos iniciar a traçar motivos pelos quais sua imagética se transforma tão profundamente com o passar do tempo, apresentando um pouco sobre o processo de remodelação da deusa desde o período grego arcaico até a contemporaneidade, utilizando de imagens de artefatos encontrados como apoio e de imagens que a representam na atualidade.



Os epítetos de Hekate

Como apoio, utilizarei a obra mais recente *Hekate in Ancient Greek Religion*, de Robert Von Rudloff (1999), para abordar as formas como a deusa era cultuada no período clássico. A análise será organizada a partir dos epítetos associados a Hekate, das características a ela atribuídas e de como essas eram compartilhadas com outras deusas, determinando, assim, as finalidades específicas de seu culto ao longo dos séculos.

Phosphoros: Portadora da Luz

Descrito como o epíteto mais famoso e mais utilizado com Hekate (RUDLOFF, 1999, p. 102.), *Phosphoros* (Φωσφόρος), traduzido como Portadora da Luz, também é o epíteto mais presente nas representações imagéticas da deusa nos arcaicos e clássico. Desde sua primeira imagem já encontrada por arqueólogos (Imagem 1) já reconhecemos a deusa com uma tocha de fogo em cada mão.



Imagem 1. Prato com Hekate e um cão. Período Arcaico, região indeterminada. Disponível em: <<http://www.theoi.com/Gallery/T16.5.html>>.

O fogo das tochas sempre carregou, ao longo da história, a simbologia de guiar algo ou alguém, um símbolo de orientação, seja em um caminho físico, espiritual ou em decisões pessoais. Na literatura, a deusa também já foi representada com suas tochas



como instrumento de iluminação, revelação ou condução, reforçando sua associação com a função de guia. Aristófanes, dramaturgo do período clássico, descreve a deusa iluminando o caminho para Ésquilo:

E você, filha de Zeus, sustentando tochas gêmeas
mais lancinantes em suas mãos,
Hekate, ilumine-me para Glyce
para que eu possa entrar e pegá-la no ato.(ARISTÓFANES, 405
a.E.C.)

Além das tochas, é comum encontrar Hekate acompanhada de um cachorro em suas representações, especialmente quando aparece sozinha, sem outras figuras mitológicas. Ao longo dos séculos, o cachorro foi associado à fidelidade e à vigilância em diversas tradições literárias e artísticas. Assim, sua presença ao lado de Hekate reforça a ideia de que ela é uma deusa benevolente, atuando como guia dos devotos tanto em sentido metafórico, como símbolo de proteção e lealdade, quanto de forma literal, conduzindo indivíduos em seus caminhos.

Propolos: Guia e Companheira

É um de seus epítetos mais reveladores em relação à função de guia, e é evidenciado nas narrativas em que Hekate atua como auxiliar de outras deusas ou figuras mitológicas. Nessas histórias, ela aparece como uma divindade que orienta jornadas, apoia retornos e acompanha aventuras, reforçando sua imagem como guia dos que a ela recorrem. *Propolos* (πρόπολις), traduzido por Rudloff como Guia e Companheira (1999, p. 100.), é onde sua função como guia se evidencia de forma clara, não apenas por meio do símbolo de suas tochas, mas também por ser uma atribuição diretamente conferida à deusa na tradição antiga. A manifestação mais conhecida desse epíteto ocorre no *Hino Homérico a Deméter*, no qual Hekate acompanha e orienta Perséfone em seu reencontro com a mãe, Deméter:

Então, delas se aproximou Hécate de véu brilhante.
e muito abraçou a menina de Deméter.
E desde então, ajudante e companheira
tornou-se da rainha. (CARVALHO, Thais Rocha. 2019)



Este epíteto traz um sentido simbólico e religioso da época, de como a deusa guiava os devotos novatos nos Mistérios de Deméter e Perséfone, assim como vemos a deusa relacionada aos Mistérios de Elêusis (Imagem 2).



Imagem 2. Pintura representando os deuses dos Mistérios de Elêusis. Desenho do vaso 350 a.E.C., Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia. Disponível em: <<https://www.theoi.com/Gallery/T16.8.html>>.

Com o tempo, Hekate passou a ser invocada como uma divindade guia, protetora dos caminhos e destinos daqueles que a ela recorriam. Sua presença era associada à proteção durante as jornadas e à orientação diante de decisões pessoais difíceis. A imagem da deusa como guardiã, acompanhada de suas tochas e de seu cão, consolidou-se e evoluiu, abrindo espaço para o surgimento de um novo epíteto que reforça essa atribuição.

Propylaea: Guardiã Apotropaica

Propylaea (Προπύλαια), traduzido como Guardiã Apotropaica (RUDLOFF, 1999, p. 92.), é o epíteto que consagra Hekate como protetora não apenas dos viajantes em seus caminhos sagrados, mas especialmente das entradas e limiares. A partir desse atributo, a deusa passou a ser frequentemente representada com três faces, ou três



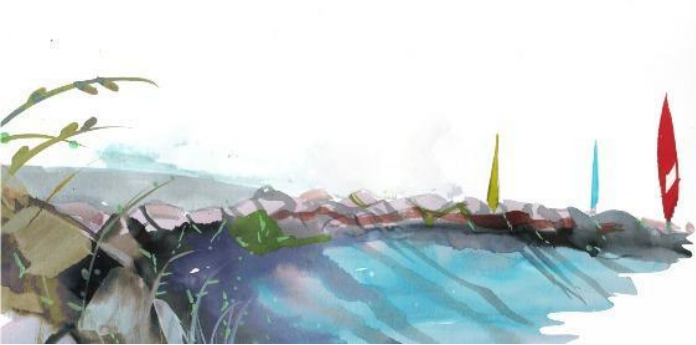
corpos dispostos em formação triangular, voltados para direções opostas, como se vigiassem simbolicamente o espaço central entre elas. Essa configuração visual reforça sua função de guarda e vigilância. Fullerton (1986), citado por Rudloff, afirma que a proteção é a principal atribuição das representações triformes de Hekate.



Imagens 3. Hécatas tríplexes de tipo hermaico. Museu de Delos, séc. II a.E.C. Foto: Ph. Collet, École Française d'Athènes.

A representação apotropaica mais conhecida de Hekate no período clássico é atribuída a Alkamenes, situada na entrada do templo de Atena Niké, na Acrópole de Atenas. Atena Niké estava associada à proteção física da cidade, como observa Rudloff (1999, p. 94), evidenciado pelo friso do templo que retrata a vitória dos gregos sobre os persas em 480 a.E.C.

Acreditava-se que proteger uma porta significava não apenas impedir a entrada de elementos indesejados, mas também afastar o mal daquele espaço. Da mesma forma, figuras apotropaicas como as górgonas eram comumente utilizadas em portas de templos, casas, encruzilhadas e até mesmo em escudos, como o da deusa Atena. Assim, Hekate passou a ser representada como guardiã das portas, dos lares e das



pessoas que neles habitavam. Entre os séculos III e I a.E.C., sua imagem como protetora dos limiares consolidou-se, e com ela surgiu a associação simbólica às chaves. Em Lagina, essa conexão é celebrada no festival de *Hekatesia*, que inclui a procissão da chave, realizada por volta do século I a.E.C., conforme demonstram os estudos da arqueóloga Christina Williamson (2013).

Chthonia (Χθονία), Deusa do Submundo

Por fim, um dos epítetos mais frequentemente utilizados para “justificar” à suposta ligação de Hekate com a magia e com figuras de feiticeiras é *Chthonia* (Χθονία), traduzido por Rudloff como “a Temível Deusa do Submundo”. O termo *chthonia*, em grego, significa literalmente “da terra” ou “subterrânea”, sendo comumente atribuído a divindades relacionadas ao mundo inferior, como Deméter, Perséfone, Hekate e Cérbero. A associação de Hekate a esse epíteto pode ser observada no *Hino Homérico a Deméter*, já mencionado, onde ela atua como guia da deusa durante sua jornada pelo submundo.

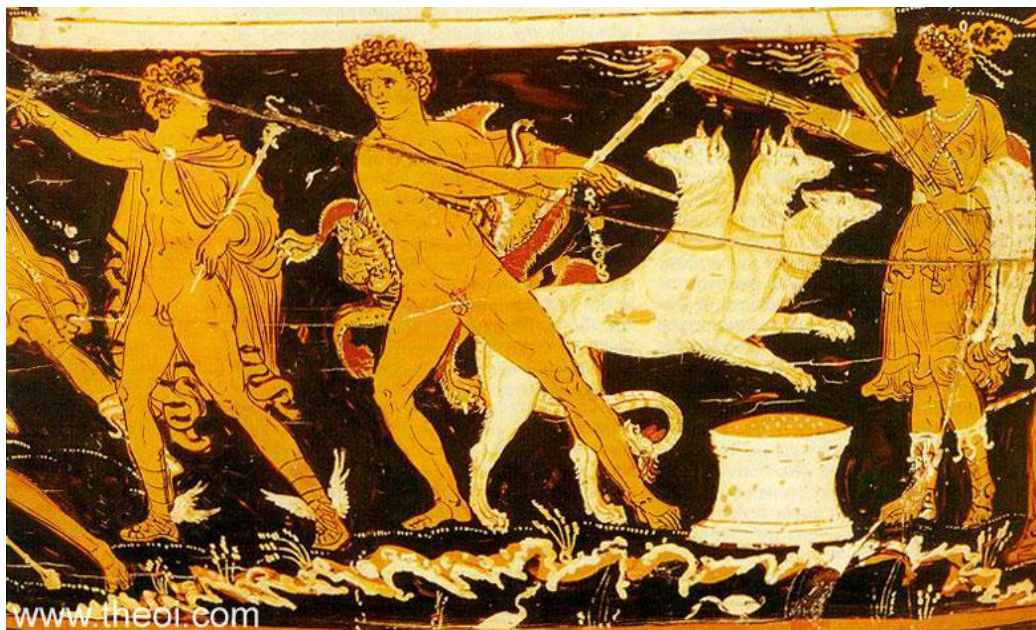


Imagem 4. Detalhe do vaso Mundo Subterrâneo. No detalhe, da esquerda para a direita: o deus Hermes, o herói Hércules segurando o cão Cérbero e a deusa Hekate. Sem localização, 330-310 a.E.C. Disponível <<https://www.theoi.com/Gallery/T16.2.html>>.

Embora o epíteto *Chthonia* seja frequentemente utilizado para justificar a associação de Hekate à magia e a uma suposta natureza maligna, é importante destacar que, na cosmovisão grega, o “submundo” ou “mundo inferior” não corresponde ao conceito



cristão de Inferno. O submundo grego era o destino comum de todas as almas após a morte, independentemente de sua conduta em vida. Não havia uma divisão moral binária entre céu e inferno, o que significa que a simples associação de uma deusa ao submundo não implica em uma natureza maléfica.

O feminino imoral: remodelações na imagem de Hekate

Todas as referências as quais vimos relatam Hekate como uma deusa guia, protetora, auxiliadora e iluminadora para seus devotos, mas então como sua imagem passou a ser perpetuada como a temível deusa da magia e da feitiçaria? Podemos transcorrer sobre a possibilidade desta associação ter começado com a descoberta das lâminas de chumbo com imprecções, os Katádesmoi, utilizados no período Clássico. Pesquisadores, tais como Maria Regina Candido, especialista no assunto, vem fazendo descobertas diversas sobre essas ritualísticas e explica o termo Katádesmos como “tabletes de imprecção [...] e aparecem no dialeto ático como katadeo e tem por significado amarrar, prender, imobilizar, atar alguém embaixo da terra”, lendo sobre sua pesquisa, constatamos que os Katádesmos eram na verdade objetos partes de uma ritualística utilizada para fazer o mal a alguém como ela mesma pontua:

A palavra também tece aproximações com o termo kataduo que tem o sentido de afundar, enterrar, ocultar. O termo katado integra o repertório de maldição expressando o ato de cantar alto visando conjurar alguém, enfeitiçar através de encantamentos.

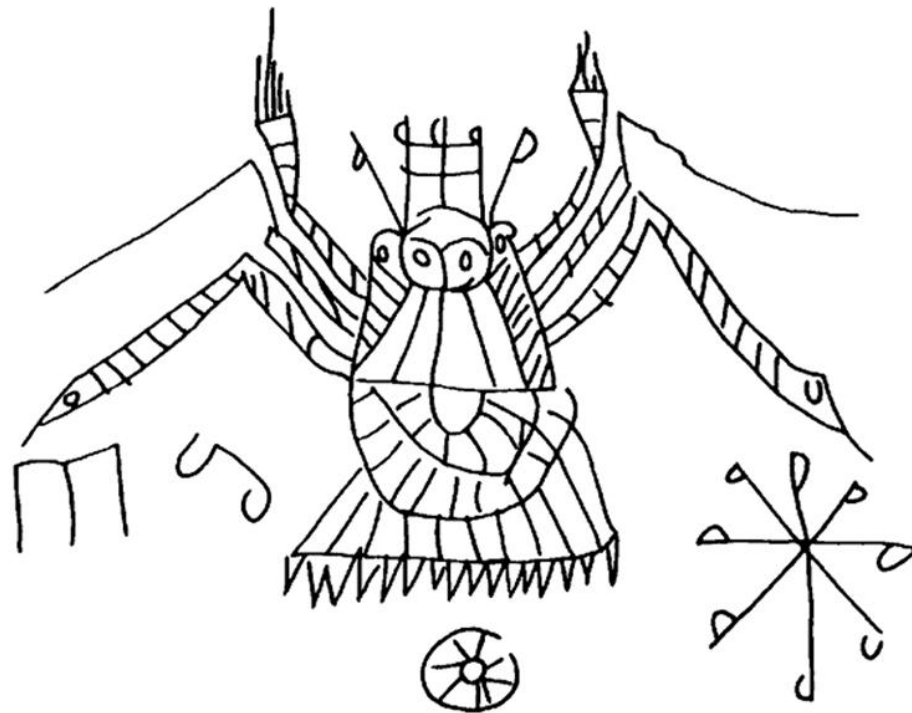


Imagem 5. Desenho de Hekate no katádesmos. Atenas, I d.E.C. GAGER, J. G. Curse Tablets and Binding Spells from the Ancient World. Nova Iorque: Oxford University Press, 1992. p. 181.

Mesmo que se tenham tido evidências das invocações à deusa nesses rituais, como visto na imagem 5 acima, vários deuses chthonicos eram invocados em tais práticas. Fora inclusive contabilizado, que Hekate não era a deusa mais invocada nesses rituais, e sim o deus Hermes. O que nos deixa a dúvida, será mesmo que a presença do nome Hekate nestes artefatos deveria torná-la uma deidade maléfica? E se a resposta for positiva, por que então hoje Hermes não é conhecido como um deus maléfico, das magias e feitiçarias? Ainda pelo contrário, Hermes foi popularizado como uma de suas características sendo a medicina, a cura, justamente fazer o bem.

Segundo o historiador Jules Michelet, na antiguidade todos os conhecimentos de cura a partir de medicinas alternativas, tais como ervas, utilizados principalmente por mulheres, eram um símbolo de sabedoria e era um saber perpetuado por gerações. Porém com a chegada da idade média, apenas os homens passaram a ter direito de estudar medicina entre outras áreas do conhecimento, ainda segundo o historiador, a igreja declarou que “se a mulher ousasse curar sem ter estudado, é feiticeira e deve morrer”(MICHELET, 2003, p. 23) mas então o que seria feito de todos os conhecimentos de cura das mulheres? “A partir de 1300, a sua medicina é



considerada maléfica, os seus remédios rejeitados como venenos”(2003, p. 118). Desta forma nos parece óbvio os motivos pelas quais Hekate foi vilanizada e Hermes não: ela era uma deidade feminina.

Partindo de literaturas clássicas, conseguimos observar como paulatinamente o imagético de Hekate foi se remodelando. Uma das primeiras referências à deusa Hekate sob uma perspectiva negativa surge no período clássico, na tragédia *Helena*, do poeta Eurípides (século V a.E.C.). Essa representação teria influenciado autores posteriores, como Apolônio de Rodes, que no século III a.E.C. compôs o épico *A Argonáutica*. Nesta obra de Eurípides, a personagem Medeia é retratada como uma mulher que envenena o próprio irmão, a esposa de Jasão (seu companheiro) e, posteriormente, os filhos que teve com ele. Surge, então, a questão: por que Eurípides associa Medeia, uma figura já percebida como maléfica em seu tempo, à figura de Hekate, ao fazê-la sacerdotisa da deusa?

A escritora e estudiosa Kathleen Sears nos traz uma nova perspectiva sobre o poeta, que nos leva a crer por que fez essa correlação:

Eurípides questionava constantemente tudo o que os gregos consideravam sagrado. Por esse motivo, foi polêmico em sua época; de fato, ele foi abertamente criticado e pouco apreciado em vida. (...) ele questionava pressupostos acalentados pelos gregos e era abertamente cético em relação aos deuses e às deusas. (SEARS, 2014. p.19)

Assim é possível perceber que Eurípides provavelmente associa a imagem de Hekate à personagem Medeia com o objetivo de reforçar uma conotação negativa da deusa. Tal escolha pode refletir a liberdade poética do autor diante das representações religiosas, sugerindo que ele não se preocupava em preservar a sacralidade tradicional atribuída às divindades pelo imaginário grego.

Dessa forma, é plausível afirmar que Eurípides exerceu influência sobre *A Argonáutica*, de Apolônio de Rodes, escrita aproximadamente dois séculos depois. Na obra de Rodes, Hekate já é retratada de maneira significativamente mais explícita como uma divindade associada à feitiçaria e às forças obscuras. A deusa é apresentada como aquela que teria ensinado a Medeia os conhecimentos sobre *pharmaka* (ervas e venenos), utilizados por ela para assassinar membros de sua



própria família. Um dos trechos mais reveladores nesse sentido aparece quando Argos, sobrinho de Medeia e Jasão, declara: “[...] Você me ouviu falar de uma jovem [Medeia] que pratica feitiçaria (*pharmassein*), sob a tutela da deusa Hekate.” Em outro momento, o poeta afirma: “Como regra, ela [Medeia] não perdia tempo em casa, mas passava o dia inteiro no templo de Hekate, de quem era sacerdotisa.”

Nos séculos seguintes, a imagem negativa de Hekate continuou a se perpetuar nas produções literárias, consolidando-se cada vez mais como a de uma deusa maléfica, ligada ao uso e à transmissão de saberes relacionados aos *pharmaka* venenosos. Tanto entre os gregos quanto entre os romanos, autores reforçaram essa caracterização. Um exemplo expressivo é o do historiador grego Diodoro da Sicília, que associa a figura de Hekate à crueldade, ao veneno e à desumanidade:

E Perses teve uma filha, Hekate, a qual ultrapassou seu pai na ousadia e na ilegalidade; ela também apreciava caçadas, e quando não tinha sorte direcionava suas flechas para os humanos invés dos animais. Iniciando com semelhante habilidade na mistura de venenos mortais ela descobriu a droga chamada acônito e esgotou a força de cada veneno misturando-o na comida e dando a estranhos.(DIODORO, I a.E.C. 45-2)

Posteriormente, o poeta romano Ovídio também contribui para essa construção simbólica em *Metamorfoses*, ao citar a deusa como fonte de feitiçaria “[Deusa Atena] [...] polvilhado ela [Arakhne] com drogas de Hekate [Hecateidos herbae], e num instante, tocado pela droga [a menina foi metamorfoseada em uma aranha].”(OVÍDIO, 8 d.e.c. 6.139).

As múltiplas referências à figura de Hekate como uma deusa perversa, imoral e associada à magia e à feitiçaria contribuíram decisivamente para a construção de um imaginário coletivo que persiste da era moderna até os dias atuais. A associação feita por Eurípidés entre Hekate e a personagem Medeia pode ser entendida como o ponto de partida de uma cadeia simbólica, uma espécie de efeito dominó, que impulsionou sucessivas representações negativas da deusa. Assim, Hekate, que no período arcaico e em parte do clássico era cultuada como guia, companheira e portadora da luz, referida como “de véu brilhante” no *Hino a Deméter*, teve sua imagem



progressivamente remodelada. A partir de então, passou a ser representada como uma divindade associada a *pharmaka* venenosos, à morte e às práticas de feitiçaria.

A deusa e suas múltiplas facetas no contemporâneo

No final da era moderna, já na transição para o período contemporâneo, uma das obras que mais contribuíram para a difusão da imagem de Hekate como entidade associada à bruxaria foi *Macbeth*, de William Shakespeare⁴. Publicada pela primeira vez em 1623, a peça apresenta a deusa em um contexto mágico e sombrio. Hekate é mencionada inicialmente no Ato II, Cena I, por Macbeth, em referência às práticas mágicas e à presença das três bruxas que o personagem encontra logo no início da narrativa. Posteriormente, a própria Hekate aparece na peça, repreendendo as bruxas por terem revelado a profecia a Macbeth sem sua permissão, o que evidencia a conexão hierárquica entre elas e reforça o papel da deusa como figura central no universo das artes mágicas:

A natureza é como morta
Em metade do mundo.
Hora em que os sonhos
Maus se insinuem sob os cortinados;
Em que celebra a bruxaria os ritos
De Hécate pálida; e descarnado
Assassínio.(tradução BANDEIRA, M., 1993.)

Dando continuidade à linha temporal, um dos marcos que mais contribuíram para a popularização da imagem de Hekate no Ocidente contemporâneo, ainda que sem mencionar diretamente seu nome, foi a publicação do livro *Witchcraft Today* (1954), de Gerald Gardner. A obra certamente contribuiu na disseminação do conhecimento sobre o neopaganismo na Europa, sendo Gardner amplamente reconhecido como o principal fundador da Wicca, uma das tradições neopagãs mais influentes do século XX. Embora Hekate não seja citada explicitamente no texto, o impacto do livro incentivou a redescoberta e o culto de diversas divindades pagãs, especialmente aquelas associadas à bruxaria. Nesse contexto, a deusa, já amplamente vinculada à figura das feiticeiras e à magia, ganhou destaque renovado entre praticantes e estudiosos do neopaganismo.



Pouquíssimos anos após o lançamento de *Witchcraft Today* conseguimos já notar aparições da deusa na mídia popular da época: os HQs. Como é de se esperar, adaptações de personagens como deuses feitas para HQs, revistas, filmes e séries, dificilmente trazem uma perspectiva fundamentada historicamente para elaborar a imagem visual e conceitual do personagem. Mesmo tendo isso em mente, é muito aterradorante se deparar com as formas com que um corpo feminino pode vir a ser retratado. Se antes a maior preocupação era a remodelação da índole da deusa, agora somos chocados com a primeira aparição, extremamente fetichizada, de Hekate na #11 edição do HQ Ms. Marvel, em 1977, feita pelo escritor e editor americano Stanley Martin Lieber (Stan Lee), onde a deusa transpassa ao público vários estereótipos construídos acerca de um corpo feminino "ideal". Hekate é construída como uma personagem deusa das bruxas e das feiticeiras, senhora do submundo, vingativa e má.



Imagem 6. MARVEL COMICS, 1977. Disponível em: <[https://marvel.fandom.com/wiki/Hecate_\(Earth-616\)](https://marvel.fandom.com/wiki/Hecate_(Earth-616))>.

Em 1992, a deusa Hekate reaparece em formato ilustrado na edição #34 da série em quadrinhos *Sandman*, escrita pelo autor britânico Neil Gaiman. Nessa narrativa, Hekate é representada como uma tríade de personagens em uma única entidade,



uma representação fortemente inspirada na simbologia da religião Wicca. Assim como na Wicca, na história de Gaiman cada uma das faces da deusa encarna um estágio da vida feminina: a Donzela, a Mãe e a Anciã. No universo da HQ, as personagens também são conhecidas como “As Três”, e seus poderes mágicos incluem desde a capacidade de prever o futuro até a localização de pessoas ou objetos perdidos.



Imagem 7. NEIL GAIMAN, 1992. Disponível em:

<<https://literature.stackexchange.com/questions/2201/whats-the-significance-of-the-witches-name-change-in-sandman>>.

Quatro anos depois, em 1996, Hekate ganha vida em mais uma HQ, HellBoy de Mike Mignola, onde mais uma vez a deusa é representada, sem nenhuma surpresa, como má e não só de forma fetichizada, mas com cabelos de cobra, tal como uma górgona. No HQ a deusa chega até a possuir poderes necromantes e luta contra o personagem principal da série, porém perde a batalha.



Imagem 8. MIKE MIGNOLA, 1996. Disponível em: <<https://darkhorse.fandom.com/wiki/Hecate>>

Dando um salto temporal considerável, falamos agora, de um filme de 2015, que assim como *Witchcraft Today* nem sequer toca o nome de Hekate, mas mesmo assim contribui intensamente para a criação de uma imaginário coletivo sobre mulheres imorais, bruxas perversas e malignas: *A Bruxa*, de Robert Neil Eggers. Um filme que, mesmo sem fazer citação direta a mitos gregos, retoma e reforça em sua narrativa uma imagem de uma mulher dissimulada, que mata a própria família com magias e cultos de bruxarias. O filme é lançado em uma época em que o culto propagado do neopaganismo, que já tinha tido sua força na Europa, agora passa pelo auge no Brasil.

Cinco anos depois, em 2020 vai ao ar a quarta temporada da série da empresa Netflix, criada por Roberto Aguirre-Sacasa, *Chilling Adventures of Sabrina* conta a história de uma personagem que é filha de um feiticeiro e estuda em um colégio de bruxas. A quarta temporada da série estreia em um período muito forte dos programas de *streaming* como a Netflix por conta da pandemia de covid-19, e é nesta temporada que Hekate ganha um papel como a deusa das bruxas. Apesar de não ser retratada



necessariamente como má na história, a deusa auxilia as personagens, que para além de simplesmente bruxas, ainda possuem condutas sociais muito questionáveis na atualidade.



Imagem 09. NETFLIX, 2020. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80223989>>.

E por fim, o lançamento de um livro, integrante da antiga série Percy Jackson de Rick Riordan. Mesmo Hekate já tendo aparições nos livros de Riordan desde 2006 em *O mar de Monstros*, é em 2024 que lança o livro com foco principal na deusa, *Wrath of the Triple Goddess*⁵. Apesar do nome do livro ser sugestivo sobre novamente uma deusa vil, não é o que acontece.

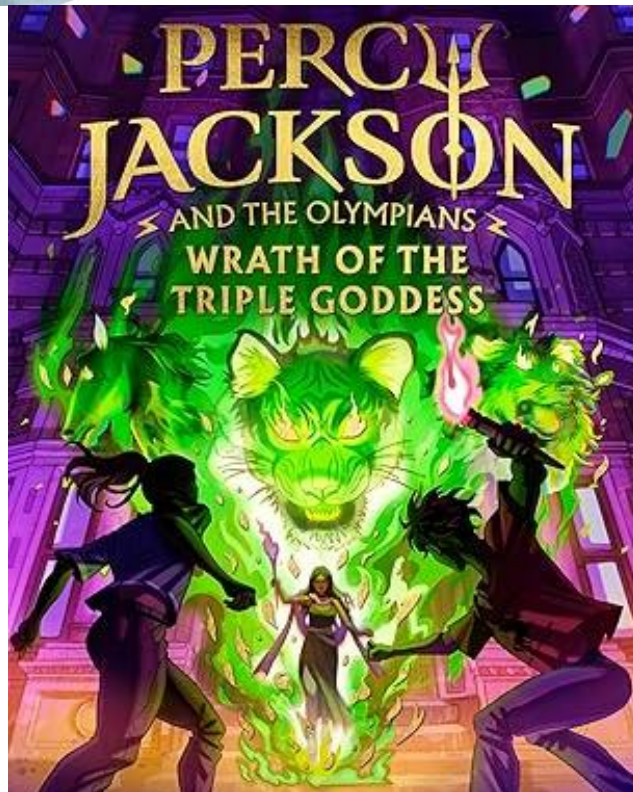


Imagem 10. RICK RIORDAN, 2024. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Percy-Jackson-Olympians-Goddess-English-ebook/dp/B0CSLR6WDV>>.

Curiosamente, a primeira aparição de Hekate nas obras de Riordan em 2006, a deusa cumpre um estereótipo de uma deusa má, na história ela transforma homens em porcos por que se perderam em sua ilha. Porém, o mais curioso das obras de Riordan, é que o autor é conhecido pelos fãs por ser, além de escritor, também historiador e em constante avanço de pesquisa. Em 2014 na próxima aparição de Hekate em sua obra, em *O sangue do Olimpo*, Rick já traz uma visão completamente diferente da deusa má, como uma deidade muito mais fiel a história presente neste artigo, como uma deusa que guia, auxilia e mostra os caminhos aos devotos. Por fim, em *Wrath of the Triple Goddess*, Hekate já recebe um livro infantojuvenil descrevendo praticamente toda a trajetória conhecida da deusa, como a deusa cthonica, guia e iluminadora do caminho de Deméter.

Conclusão e seguimento de pesquisa

Assim, conseguimos observar a forma como a imagem da deusa se modificou em termos de visualidade, mas, principalmente, em termos de moral e sentido estético. De deusa à bruxa, de guia companheira à mulher maléfica que envenena.



Questiona-se, neste ponto, se os primeiros indícios da drástica modificação na imagética cultural de Hekate foram construídos por homens em períodos históricos marcados por sistemas políticos que colocavam em dúvida a capacidade intelectual e moral das mulheres para ocupar posições de poder e, conseqüentemente, para representar ideais. Com o fortalecimento do pensamento cristão no imaginário ocidental, intensificam-se transformações culturais em torno de divindades femininas, frequentemente reconfiguradas como figuras perigosas, malignas ou moralmente desviantes. Tais construções simbólicas serviram como justificativa ideológica para sustentar sistemas hierárquicos nos quais as mulheres não possuíam direitos civis. Cabe, portanto, a nós do campo da história, da teoria e da crítica das artes, revisitar criticamente as razões pelas quais essas modificações no imaginário coletivo se consolidaram, sobretudo aquelas que apagaram, pouco a pouco, as representações de um feminino virtuoso, poderoso e reverenciado por sua capacidade de guiar e proteger.

O que nos restou de uma deusa benevolente que já foi a imagem da guia, da iluminação e da devoção por auxílio em escolhas pessoais de caminhos, se tornar, na herança clássica ocidental, uma a deusa má, que ensina venenos e feitiços com ervas e que é invocada para auxílio em trabalhos mágicos mal intencionados.

Em 1982, Pierre Grimal dizia "o mito não é estático nem escapa à realidade, podendo ter se adequado à nova realidade da sociedade grega do período Clássico", argumento este que serve para pensarmos nos dias de hoje: no nosso atual caso, como uma Hekate perversa, sexualizada, mulher imoral, se adequa às crenças da nova realidade da sociedade ocidental contemporânea?

Referências

APOLLONIUS RHODIUS. **Argonautica**. Translated by Seaton, R. C. Loeb Classical Library Volume 001. London, William Heinemann Ltd, 1912. Disponível em: <<https://www.theoi.com/Text/ApolloniusRhodius1.html>>.

BANDEIRA, M. (trad.). **Macbeth, Shakespeare**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BERG, William. **Hecate: Greek or "Anatolian"?** Woodside: Numen, Vol. 21, Fasc. 2, p. 128-140, 1974, p. 134.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 21 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.v.



BROOKE, N. (ed.; intro.) **William Shakespeare. The tragedy of Macbeth.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

CARNEVALE, Tricia Magalhães. **Hekate, de deusa ctônica dos atenienses do período clássico à deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente.** 2012.

CARVALHO, T. R. **Perséfone e Hécate: representação das deusas na poesia grega arcaica.** 133 fls. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

CREPALDI, Clara Lacerda. **Helena de Eurípidés** [recurso eletrônico] : estudo e tradução / Clara Lacerda Crepaldi. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2015.

EURÍPIDES. *Helena.* Tradução de Jaa Torrano. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 141–218, 2017.

GARDNER, G. **Witchcraft Today**, 1954.

GRIMAL, Pierre. **A mitologia grega.** 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1ª edição de 1982.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

HOMERO. **Hino Homérico a Deméter.** SERRA, Ordep. Tradução, introdução e notas por Ordep Serra. Edição bilingue. Série Kouros. São Paulo: Odysseus Editora, 2009, p. 276-282, passim. nota 32, p. 8.

MARQUARDT, P. A. **A Portrait of Hecate. The American Journal of Philology, Baltimore, v. 102, n. 3, p., outono, 243-260.** 1981.

RUDLOFF, Robert Von. **Hekate in Ancient Greek Religion.** 1999.

SARIAN, H. **Ártemis e Hécate em Delos: apontamentos de iconografia religiosa.** Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 8: 145-153, 1998.

STODDARD, Kathryn. **The narrative voice in the Theogony of Hesiod.** Leiden: Brill, 2004. Mnemosyne Supplementum 255,

WILLIAMSON, C. Karian, **Greek or Roman? The layered identities of Stratonikeia at the sanctuary of Hekate at Lagina,** 2013.

SÓFOCLES. **Édipo Rei - Antígona.** São Paulo: Martin Claret Editora, 2007.

Notas

¹ Kathryn Stoddard em *The narrative voice in the Theogony of Hesiod* (2004), William Berg em *Hecate: Greek or "Anatolian"?*(1974) entre outras literaturas.

² Assim como defende Patrícia Marquardt em *A Portrait of Hecate. The American Journal of Philology* (1981).

³ Utilizarei **a.E.C.** (antes da era comum) no lugar de a.C e **d.E.C.** (depois da era comum) no lugar de d.C.

⁴ Mesmo com especulações, não conclusivas, sobre Thomas Middleton ter editado a peça e adicionado toda a parte referente a Hekate, não sendo assim parte originalmente escrita por



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Shakespeare, ainda consideramos a peça uma potencial grande difusora da imagem da deusa no período moderno.

⁵ Até a presente data do artigo, o livro não possui tradução para o português.